

## DERIVAS DE UM BARCO ÉBRIO

Vindo eu a descer Rios impassíveis  
Deixei de me sentir guiado plos sirgueiros  
Que garridos Peles-Vermelhas tinham tomado por alvo  
E haviam pregado nus a postes coloridos.

Sentia-me indiferente a qualquer equipagem,  
Carregador de trigos flamengos ou de algodões ingleses.  
Quando com os meus sirgueiros terminou toda a gritaria  
Os Rios deixaram-me descer onde eu pretendia ir.

No marulhar furibundo das marés,  
Eu, no inverno precedente, mais surdo do que cérebros infantis,  
Levei uma vida dos diabos! E as Penínsulas desatreladas  
Tiveram que aguentar a mais triunfante das balbúrdias.

A tempestade abençoou os meus acordares marítimos.  
Mais leve que uma rolha, dancei de vaga em vaga,  
Também chamadas eternas baloiçadoras de vítimas,  
Dez noites inteiras, sem saudades do olho tolo dos faróis.

Mais gostosa do que pràs crianças a polpa de maçãs ácidas,  
A água esverdeada penetrou no meu casco de pinho  
E das manchas de vinhos azuis e do vomitado  
Me lavou, mandando borda fora leme e arpão.

E, desde aí, tenho-me banhado no Poema  
Do Mar, infuso de astros, e lactescente,  
Devorando o verde azul-celeste; onde, flutuante lívido  
E arrebatado, um afogado pensativo, por vezes, aparece;

Onde, tingindo abruptamente os azulenos, delírios  
E ritmos lentos sob as coruscações do dia,  
Mais fortes do que o álcool, mais amplas que nossas liras,  
Fermentam os amargos tons ruivos do amor!

Eu conheço os céus rasgando-se em raios, e as trombas  
E as ressacas e as correntes; eu conheço o fim do dia,  
A Aurora exaltada, assim como um povo de pombas  
E, por vezes, vi o homem que julgou ver!

Eu vi o sol rasante, manchado de horrores místicos,  
Iluminando com longos riscos firmes de violeta,  
Semelhantes a actores de dramas antiquíssimos,  
As vagas enrolando, ao longe, as suas tremuras de batentes!

Na noite verde, sonhei com as neves deslumbradas  
Beijo subindo lentamente aos olhos olhares dos mares,  
A circulação das seivas inauditas  
E o despertar de ouro e azul dos fósforos cantares!

Durante meses inteiros, observei parecida com manadas  
Históricas, vagas imensas assaltando os recifes,  
Sem cogitar que os pés luminosos das Marias  
Pudessem forçar o patife repleto de Oceanos ofegantes!

Abalroei, sabíeis?, incríveis Floridas  
Misturando com as flores olhos de panteras com peles  
De homens! Arcos-íris lançados, como rédeas,  
Abaixo do horizonte dos mares, a glaucas manadas!

Vi fermentar pântanos a perder de vista, armadilhas  
Onde apodrece, entre juncos, um Leviatão inteiro!  
Soçobramentos de águas no meio de calmarias,  
E os longínquos caindo, em cataratas, nos abismos!

Glaciares, sóis de prata, vagas de nácar, céus de brasas!,  
Encalhares feiússimos nos baixios de golfos castanhos  
Onde serpentes gigantes devoradas por percevejos  
Caem, como árvores retorcidas, exalando perfumes negros!

Eu teria querido mostrar às crianças as douradas do azul  
Da maré crescente, aqueles peixes de ouro, aqueles peixes cantantes.  
— Espumas de flores berçaram-me as largadas prò mar alto  
E ventos inefáveis, por momentos, deram-me asas.

Por vezes, mártir cansado de pólos e esféricas zonas,  
O mar, soluçando, tornava-me doce o baloiçar,  
E fazia subir até mim suas flores de sombra com ventosas  
Amarelas, e eu ficava assim, como uma mulher ajoelhada...

Quase só, sacudindo borda fora as guerras  
E merdas de pássaros intriguistas de olhos louros.  
E assim andava, até que, através dos meus laços frágeis,  
Aparecessem, às arrecuas, afogados para dormir!

Ora eu, barco perdido na cabeleira das Ansas,  
Projectado pelo furacão no éter sem aves,  
Eu, de que os Couraçados e os veleiros Hanseáticos  
Não teriam repescado a carcaça ébria d'água;

Livre, fumegando, coroado de brumas violáceas,  
Eu, que rachava o céu de brasa como se muro fosse,  
E trago comigo, manjar delicado para os bons poetas,  
Líquenes de sol e burriés de azul-celeste;

Que fendia as águas, manchado de lúnulas eléctricas,  
Prancha desvairada, escoltada por hipocampos negros,  
Quando os julhos faziam soçobrar a golpes de matraca  
Os céus ultramarinos de bocarras ardentes;

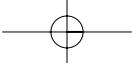
Eu, que tremia, sentindo gemer a cinquenta léguas  
O cio dos Behemotes e os densos Maelstroms,  
Corredor eterno das imobilidades azuis,  
Sinto saudades da Europa dos antigos parapeitos!

Eu vi arquipélagos siderais!, e ilhas  
Cujos céus delirantes estão abertos aos que viajam:  
— Será nessas noites sem fundo que tu dormes, e te exilas,  
Milhão de pássaros d’ouiro, ó futuro Vigor? —

Já chorei demasiado, é certo! As Auroras são pungentes,  
Todas as luas são atrozes, e amargo qualquer sol:  
O amor acre inchou-me d’indolências, d’extasia.  
Oh!, que o meu casco rebente! Que eu vá para o mar! Oh!

Se eu aspiro a uma água da Europa, dou com um charco  
Negro e frio onde, ao cair da tarde nevoenta,  
Uma criança agachada e muito triste, larga  
Um navio frágil como uma borboleta de Maio.

Já não está em meu poder, embebido dos vossos langores, ó ondas,  
Tirar aos carregadores de algodão o rasto que deixaram,  
Nem atravessar o orgulho das bandeiras e flâmulas,  
Nem nadar sob o olhar insuportável das barcas-prisões.



ILLUMINATIONS  
ILUMINAÇÕES  
(GRAVURAS COM VISÕES COLORIDAS)

